



A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM RELAÇÃO AO *BULLYING* HOMOFÓBICO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O DISCURSO DOS DOCENTES DO PRIMEIRO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Morjana Britto Peçanha ¹
Fabiano Pries Deivid ²

Introdução

Com base em estudos e pesquisas sobre a relação professor-aluno, Lopes (2002) afirma que existem docentes que ao se depararem com situações de desrespeito e violência tendem a reproduzir no aluno estes problemas, ao invés de prevenirem e auxiliarem o aluno/a de forma inclusiva, mostrando-lhe que agir de forma agressiva e desrespeitosa é errado.

O docente deve ficar atento com os alunos agressivos e zombadores, pois o que por muitos é visto como brincadeira da idade pode trazer sofrimento e constrangimento para colegas mais tímidos e introvertidos (OLIVEIRA, VOTRE, 2006).

Por medo de sofrer ainda mais, alunos com este perfil acabam não tomando nenhuma atitude, aceitando tais ações, contribuindo para acarretar problemas na fase adulta, tais como: prejuízo na constituição familiar, problemas nas relações de socialização no trabalho, comprometimento da saúde física e mental, além de problemas de rendimento escolar, emocional, social e psíquico da criança e do adolescente em fase escolar (FANTE, 2005).

Neste contexto, é papel do docente agir de forma mediadora, mostrando aos alunos/as que todos devem ser respeitados e tomar atitudes que façam com que os colegas reflitam de maneira a não agir de forma discriminatória, conscientizando o agressor, e promovendo um ambiente escolar sadio e seguro (LOPES NETO, 2005).

Na sociedade, a identidade de gênero (IG) pode ser vista como padrão ou regra estabelecida relacionada ao comportamento, às ações, aos modos de se relacionar, vestir e falar que definem o indivíduo como um cidadão (LOURO, 1997). Muitos alunos/as, por terem uma IG “diferenciada” da maioria, são rotulados com apelidos preconceituosos por colegas.

As diferenças de habilidades entre meninos e meninas colaboram para os conflitos de gênero (LOUZADA, DEVIDE, 2006). Há diversos casos nas aulas de EFe que exemplificam atitudes de

¹ Aluna do curso de Licenciatura Plena em Educação Física do Centro Universitário Augusto Motta.

² Doutor em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho. Professor Adjunto do Centro Universitário Augusto Motta e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Atividade Física (Universo/RJ).



preconceito³ e discriminação⁴, fazendo uso de metáforas discriminatórias sobre os alunos. Por exemplo, um aluno que tenha pouca habilidade motora para jogos com bola (futebol) tende a ser vítima de apelidos representados por metáforas discriminatórias, tais como “viadinho” e “menina”. Da mesma forma, a aluna que se destaca em atividades com bola pela habilidade motora tende a ser rotulada como “menino” (SILVA, DEVIDE, 2009).

Sendo assim, a identidade sexual (IS) está relacionada à como cada indivíduo vive sua sexualidade, seus desejos e prazeres corporais (GOELLNER, 2005). Logo, o fato da menina possuir uma boa habilidade motora para jogos com bola não faz com que a sua IS seja homossexual, ela apenas possui características culturais e sociais resultantes do seu convívio com tais esportes, desenvolvendo o gosto por esportes com bola. Tal argumento se refere à IG da menina e não à IS. O mesmo cabe para os meninos.

Sendo o futebol um esporte de reserva masculina (MELILLO, VOTRE, 2008), os alunos que têm dificuldades para jogá-lo tendem a ser rotulados e vitimados por agressões verbais e gestuais. O mesmo cabe para as meninas que se sentem ameaçadas quando possuem habilidade em relação a um esporte de caráter predominantemente masculino.

Sendo assim, tais apelidos não são cabíveis, pois “viadinho” no caso dos meninos; e “menino” no caso das meninas⁵, remetem a algo relacionado à IS dos alunos/as, e o fato de terem ou não uma habilidade motora para uma determinada atividade corporal não deve ser usado como fator determinante para definir uma determinada IS.

Tais exemplos de agressões são caracterizados como um fenômeno chamado *bullying*, que se define como qualquer comportamento repetitivo que tenha a intenção de causar danos físicos ou psicológicos em outro organismo ou objeto (RODRIGUES, ASSMAR, JABLONSKI, 2000). No caso do exemplo supracitado, temos um caso de *bullying* homofóbico.

A homofobia pode ser interpretada como qualquer tipo de agressão física e verbal, ação de isolamento ou medo de ser homossexual. Diz respeito ao sentimento de ódio, repulsa e aversão ao homossexual, e se manifesta em forma de violência física ou simbólica (GROSSI, UZIEL, MELLO, 2007).

³ Preconceito é uma atitude negativa, desfavorável para com um grupo ou seus componentes individuais. É caracterizado por crenças estereotipadas (SILVA, 1987).

⁴ Discriminação refere-se aos processos de controle social que servem para manter a distância social entre determinados grupos, através de um conjunto de práticas, mais ou menos institucionalizadas, que favorecem a atribuição arbitrária de traços de inferioridade por motivos, em geral, independentes do comportamento real das pessoas que são objeto da discriminação (CANDAU, 2003).

⁵ No caso das aulas de EFe, dentre os termos citados – “viadinho” e “menino” - referem-se à linguagem discriminatória e aos etnométodos de exclusão construídos pelos alunos/as (SILVA, DEVIDE, 2009).



Mediante tais questionamentos, formulamos o seguinte *problema* de pesquisa: Como os docentes do primeiro segmento do ensino fundamental gerenciam o *bullying* homofóbico nas aulas de EFe?

Como *objetivo geral*, busca-se investigar como os docentes atuam para minimizar o *bullying* homofóbico nas aulas de EFe no primeiro segmento do ensino fundamental. A pesquisa possui os seguintes objetivos específicos: i) descrever quais são os procedimentos didáticos usados pelos docentes para minimizarem o *bullying* homofóbico nas aulas de EFe no primeiro segmento do ensino fundamental numa escola particular no município do Rio de Janeiro; e ii) verificar se a prática pedagógica utilizada pelos docentes nas aulas de EFe do primeiro segmento do ensino fundamental de uma escola particular do município do Rio de Janeiro educa para prevenir o *bullying* homofóbico.

Cabe ao docente tomar atitudes objetivas e claras, afim de minimizar estas ações, para que o aluno/a não seja alvo de gozações, fazendo com que todos respeitem e tolerem as diferenças, independentemente da IS ou IG dos discentes. O educador tem um papel relevante, minimizando tais ações, levando os discentes a pensarem sobre o assunto de forma não discriminatória.

Metodologia

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e descritivo, caracterizando-se como estudo de caso (POSSELON, 2004). Foi realizada em uma escola particular município do Rio de Janeiro, situada no bairro de Bonsucesso.

O grupo de informantes foi composto por docentes Licenciados em Educação Física, que ministram aulas de EFe para o primeiro segmento do ensino fundamental no período diurno.

Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada, buscando obter informações de questões concretas, dando liberdade ao entrevistado para abordar aspectos sobre o que pensam e acham ser relevantes sobre o tema (NETTO, TRIVIÑOS, 2004).

Para a análise e tratamento dos dados, as entrevistas foram gravadas e transcritas, a fim de se compreender as falas dos atores sociais como ponto de partida para respondermos ao problema de estudo. Após, foi realizada uma análise do conteúdo do discurso dos docentes (BARDIN, 1995).

Revisão de Literatura

Gênero, Corpo e Sexualidade na Educação Física escolar



A partir da década de 1970, após a segunda onda de feminismo, a expressão “gênero” passou a permitir uma ampliação de referências e análises teóricas, contemplando várias possibilidades de reflexão sobre as desigualdades entre homens e mulheres (GOELLNER, 2005).

Na EF brasileira, os estudos sobre questões de gênero sofreram influências norte-americana e francesa e se desenvolveram a partir da década de 1980 (GOELLNER, 2001; LUZ JÚNIOR, 2003).

Embora o sexo pareça imutável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído; não é resultado casual do sexo nem tão pouco aparentemente fixo como o sexo. Sendo assim, não se pode afirmar que a construção de “homens” aplica-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Butler (2003) afirma que a idéia de que o gênero é construído sugere um determinismo no significado do gênero, onde os corpos são inscritos anatomicamente de forma distinta e passam a ser recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Então o gênero se torna tão fixo e tão determinado quanto à formulação que a biologia é o destino. Porém, não a biologia, mas o a cultura se torna o destino.

No âmbito do senso comum, revertido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender e justificar, a desigualdade social. Louro (1997) diz que é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas a forma como estas características são representadas, que irão constituir o que se considera feminino e masculino.

No contexto escolar, mais precisamente nas aulas de EF, podemos identificar a presença de práticas corporais construindo masculinidades e feminilidades de forma mais implícita e evidente (LOURO, 1997). O corpo é usado como instrumento ou um meio de um conjunto de significados culturais, para constitui o domínio do sujeito com marcas de gênero (BUTLER, 2003).

Sendo assim, um corpo com características diferenciadas da normatividade, é algo relacionado à IG do aluno (a) e não à IS, pois não tem relação com sentimentos e prazeres corporais. Sendo assim, caso o aluno (a) seja homossexual, não deve ser tratado como diferente, por fugir da norma social heterossexista (LOURO, 1997).

Ação Pedagógica do docente relacionada às questões de gênero na Educação Física escolar

A Educação Física escolar tem promovido reflexões sobre os mecanismos de inclusão e exclusão atravessados pelas questões de gênero (LOUZADA, DEVIDE, 2006). Para se colocar em



prática as vivências e suprir os problemas referentes às questões de gênero, é necessário que os docentes estejam esclarecidos, pois têm um papel fundamental nesta construção (SARAIVA, 2002).

O docente precisa entender que gênero e sexualidade são construídos e não naturalmente dados (MEYER, SOARES, 2004), percebendo as desigualdades de gênero e reconhecendo a pluralidade entre as fronteiras do masculino e feminino, transgredindo a norma socialmente imposta pelo heterossexismo (BUTLER, 2003; LOURO, 2004).

Com o argumento de desconstruir os estereótipos sexuais e promover o ensino dos conteúdos para ambos os sexos de forma igualitária (LOUZADA, DEVIDE, 2006), aulas mistas e Co-educativas são uma excelente alternativa para minimizar o desinteresse e o *bullying* homofóbico nas aulas de EFe.

A participação de meninos e meninas nas aulas de EFe em determinadas modalidades de esporte, tende a diminuir os conflitos de gênero entre os sexos se forem combinadas com discussões construídas na interação das aulas. Isso proporciona a problematização da construção cultural das diferenças de gênero (LOUZADA e DEVIDE, 2006). Neste sentido, as aulas Co-educativas, com os alunos e alunas participando das atividades, buscam problematizar as questões de gênero inerentes às atividades.

Cabe ao docente saber lidar com questões padronizadas impostas pela sociedade, que incluem estereótipos e preconceitos relacionados a quem deve ou pode participar de qual prática corporal. Tais questões devem ser problematizadas junto ao discente para que a abordagem Co-educativa não ofereça resistência em suas atividades (SARAIVA 2002).

As aulas Co-educativas contribuem para que os alunos possam refletir e compreender o outro de maneira respeitosa e é papel do educador desenvolver tais aulas para que os alunos/as interajam e busquem a união, minimizando discriminações.

Bullying na Educação Física Escolar

As pesquisas sobre bullying ainda são recentes, ganhando destaque a partir de 1990 (LOPES NETO, 2005). O fenômeno *bullying*, ainda é pouco estudado no Brasil e na EF a produção acadêmica sobre o assunto ainda é escassa (OLIVEIRA, VOTRE, 2006).

Segundo Lopes Neto (2005, p. 165):



o bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outros (as) causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

O *bullying* pode ser classificado como direto e indireto. O *bullying* direto, mais utilizado pelos meninos, é representado por apelidos, agressões físicas, roubos, ameaças, gestos que geram mal estar aos alvos. O *bullying* indireto, mais comum contra as meninas, é representado por casos de isolamento, indiferença, difamação e negação aos desejos (LOPES NETO, 2005).

Uma nova forma de *bullying* vem se manifestando nas escolas: o *cyber-bullying*. São mensagens de celular, pager, sites de relacionamentos e blogs onde são usadas tecnologias da informação e comunicação para o uso de comportamentos repetitivos e hostis.

Geralmente as vítimas de *bullying* são alunos inseguros, desesperançados, que possuem baixa auto-estima, possuem um comportamento estereotipado e tido como diferentes da maioria. De forma geral, as alunas se enquadram mais do que os alunos nestas características (LOPES NETO, 2005).

Segundo os estudos publicados por Botelho e Capinussú (2007) e Lopes Neto (2005), em sua maioria são meninos que têm algum tipo de problema familiar ou emocional aqueles que agem de maneira discriminatória com os colegas.

As vítimas de *bullying* podem sofrer para resto da vida com problemas emocionais e de socialização. Nas aulas de EF se observam muitos apelidos de caráter discriminatório, quando por muitas vezes, os alunos/as são vítimas de preconceito de gênero e passam a sofrer com piadas maliciosas.

Neste contexto, características relacionadas às habilidades motoras são questionadas por colegas de forma errada. Daí os colegas chamarem uma menina que joga futebol de "sapatão" e um menino que tem pouca habilidade para jogos coletivos de "viadinho". Este tipo de discriminação é chamada de *bullying* homofóbico, ocorrendo geralmente contra alunos/as que cruzam fronteiras de gênero, ou seja, que através de suas características culturais são rotulados por não seguirem o modelo padrão imposto como norma pela sociedade, sendo confundidos e julgados de forma incorreta sobre sua IS.

Cabe ao educador traçar alternativas para que não ocorra este tipo de atitude por parte dos alunos/as, pois a prática do *bullying* deixa marcas nas vítimas para o resto de suas vidas.

Resultados



A análise do conteúdo das entrevistas do grupo de informantes permitiu a construção das categorias apresentadas neste item. Segundo os informantes, há consenso de que os alunos (as) participam de forma ativa, sob o princípio da inclusão, e de acordo com a faixa-etária, como se pode ver na fala dos informantes 1 e 3:

(...) eles participam praticamente de tudo, tudo que você lançar eles trabalham e desenvolvem perfeitamente, desde que se respeite a faixa etária (Info 1).

Nós partimos do princípio da inclusão, de forma muito homogênea com a participação efetiva dos alunos (Info 3).

É uma participação ativa, eles gostam muito principalmente os alunos de ensino fundamental... (Info 5).

Segundo Darido (2001), os alunos do Ensino Fundamental experimentam as aulas de Educação Física com muito prazer e ansiedade, mais dos que os níveis de ensino seguintes. Tal afirmação só faz ver que as aulas de EFe possuem boa aceitação pelos discentes do Ensino Fundamental, sobretudo do primeiro segmento.

Presença de linguagem discriminatória

Este tipo de agressão denominada de hostil é usada para salientar algum tipo de deficiência, onde a criança é apelidada a partir de um traço físico ou de *performance* (OLIVEIRA, VOTRE, 2006). Todos os docentes presenciaram este tipo de comportamento.

De chamar: ‘-Aquele gordinho (...). Aquela coisa. Ah! O gordinho, o quatro olho’ Isso rola (Info 1).

Gordinho, fofinho, lezado (...) ‘-Não quero ele no meu time!’ (Info 4)

Ah já! ‘-Cabeça de pirulito, mulher melancia, homem pepino’ E por ai vai. (...) coisa comum nesta fase de desenvolvimento da personalidade da criança. (Info 3)

É relevante ressaltar que o docente não deve achar comum este tipo de ação entre os discentes. Apesar dos informantes 1 e 2 ressaltarem a presença de preconceito, não apontaram práticas discriminatórias relacionadas a questões raciais.

Desconhecimento da expressão bullying

A maioria dos informantes desconhece o termo “*bullying*”, apesar de relacioná-lo ao preconceito e à discriminação, como identificamos em algumas falas:

Não. Mas acredito que seja algo relacionado a preconceito (...) (Info 1)

Não. Mas eu acredito que seja algo relacionado a preconceito, discriminação. (Info 4)



Não. Esta expressão eu não conheço. (Info 5)

O desconhecimento deve-se ao fato da expressão “*bullying*” chegar ao Brasil com os primeiros livros e trabalhos acadêmicos somente em 2000 (BOTELHO, CAPINUSSÚ, 2007). Mas ações referentes ao *bullying* já vem ocorrendo há muitos anos, inclusive sendo abordadas pela mídia, pois há casos notórios de *bullying* e cabe ao professor estar informado para saber lidar e minimizar tal problema.

Habilidade motora e Identidade Sexual

Podemos ver este tipo de ação bem claro representado na fala dos informantes quando ilustram o que os alunos falam dos colegas durante as aulas:

-Olha lá! Está jogando igual a um gay! Não tem que jogar futebol não... (Info 4).
-Tá jogando bola parece uma *menininha*” (Info 1).

Os discentes relacionam o fato do aluno do sexo masculino não possuir uma boa habilidade motora com uma suposta IS considerada “desviante” (LOURO, 1997). Assim, usam apelidos discriminatórios tais como: “viadinho” e “menina” para justificarem a ação preconceituosa. Estes apelidos são etnométodos usados pelos alunos que vem de um processo de discriminação pautado na homofobia (SILVA, DEVIDE, 2009). Logo, sendo o futebol um esporte de reserva masculina (MELILLO, VOTRE, 2008), os alunos que têm pouca habilidade sofrem atitudes de imposição dos colegas para praticarem outros tipos de esportes e atividades. Como se vê na fala do Informante:

Ah, você tem que jogar queimado, não tem que jogar futebol não (Info 4).

A partir das entrevistas com os docentes, identifica-se o receio em dizer palavras que tenham relação com a sexualidade dos alunos/as. Como um tabu, durante a entrevista tivemos que usar métodos para fazer os informantes contarem o que exatamente os alunos dizem uns aos outros quando assumem práticas discriminatórias, via linguagem. Apenas o informante 4 relata de forma espontânea o discurso dos alunos:

-Ele é gay. Viadinho. Ah tia, mas olha só como ele é!

Esta mesma informante presenciou episódios ocorridos com diferentes alunos, relatados a seguir:

Ai teve uma vez que levaram o `José` para a direção porque ele estava passando batom no banheiro (...) Neste dia escreveram na agenda dele e chamaram o responsável na escola.



O `João brigava com a `Maria`. Ele era do 4º ano. Ele xingava a `Maria` e a `Maria` xingava ele... E ele jogava o cabelo pra um lado, jogava o cabelo para o outro e falava assim: `Ah, eu sou mais eu`.

Sendo assim, a maioria dos informantes disseram que já presenciaram estas práticas, mas ao oferecerem exemplos não dizem do que exatamente os alunos denominam o outro. Por exemplo:

Sim. Pela menina que tem uma maior habilidade motora e características físicas e musculares desenvolvidas, eles utilizam isso... (Info 3).

Nesta fala, o informante não explicita como realmente os meninos chamam as meninas mais habilidosas.

Ações para minimizar preconceitos em relação à sexualidade

Os informantes interferem de forma diferenciada para minimizar o *bullying*, mas todos citaram que o fator principal é o respeito para com o colega. O informante 2 diz:

Uma intervenção pedagógica seria as aulas co-educativas e mistas sem nenhum tipo de preconceito e assim respeitando os colegas.

As aulas co-educativas podem ajudar neste sentido, pois os discentes participam das atividades propostas na aula juntos, problematizando as questões de gênero inerentes às atividades (LOUZADA, DEVIDE, 2006). Segundo Saraiva (1999):

Torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões [...] como: os papéis sexuais estereotipados os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher [...] (p.181).

Outro informante utiliza as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para resolver possíveis problemas relacionados com *bullying*:

Nós trabalhamos em cima dos PCNs, (...) nós temos a ética. (...) o professor tem de tentar captar estes problemas, estes preconceitos da aula de EF de forma prática e teórica (Info 3).

A abordagem do docente em relação a fazer o uso da ética é importante, porém deve se mostrar ao aluno como evitar ações discriminatórias. Outro respondente aponta a importância do tema da inclusão:

Inclusão dos alunos, mostrando o respeito entre os colegas. Ou então a conversa. Se não resolver, manda para a supervisão, que escreve bilhetinho na agenda. (Info 4)

A inclusão é uma alternativa, mas deve-se ressaltar que todos devem ser respeitados e as diferenças devem ser toleradas. A discussão sobre diversidade sexual e heteronormatividade como



causa da discriminação contra pessoas que fogem à norma heterossexual é necessária (RIBEIRO, 2007).

Por exemplo: enquanto a informante 5 ressalta a importância do cultivo do respeito: “Evitar conflitos e mostrar o respeito entre os alunos.”, aponta para a falta de apoio da direção da escola na resolução dessas questões:

Por ser uma escola particular, a direção pede pra que a gente não levante bandeira de ninguém (...). A gente tem que tentar ser o mais natural possível e não dar muita ênfase ao assunto. Esta é a questão. Esta, infelizmente, é a verdade... (Info 5).

A escola não deve agir de forma obscura, agindo de maneira invisível em relação à sexualidade dos alunos. Atitudes que desconsideram práticas discriminatórias, como o *bullying* homofóbico, apenas encobrem o problema, não resolvendo-o. Ribeiro (2007) afirma que:

A responsabilidade da escola em garantir a segurança de todos os estudantes da escola, a responsabilidade dos estudantes em não provocar *bullying*, e a responsabilidade dos pais em reportar qualquer suspeita de que seus filhos são autores ou alvo de *bullying* (p. 4).

Considerações Finais

Após a análise dos dados, verificou-se que, embora a maioria diga que desconhece a expressão *bullying*, todos responderam que em suas aulas já presenciaram o fenômeno. Na maioria foi citado apelidos e práticas discriminatórias de exclusão (SILVA, DEVIDE, 2009) usadas entre os alunos/as.

A intenção dos docentes é agir de forma a respeitar o aluno e garantir o respeito, minimizando ações de *bullying* homofóbico e outros tipos de *bullying*. Porém, o respeito deve vir com o diálogo, à inclusão e as aulas co-educativas, alternativas para minimizar ações de preconceito relacionadas ao *bullying*, sobretudo o homofóbico.

O *Bullying* é um assunto a ser considerado, pois pode acarretar a morte de uma criança ou adolescente. É necessário conscientizar as crianças que não devem aceitar serem rotuladas por sua aparência, comportamento ou IS, evitando piadas, apelidos, agressões verbais ou físicas.

O fato dos docentes apresentarem dificuldades em falar sobre sexualidade é uma fator que demonstra medo e insegurança para abordar tal temática. Há de haver políticas públicas para preparar o docente para que possa agir de forma mais objetiva e cautelosa com as questões da sexualidade na escola, afim de trazer o aluno para junto da turma e fazer com que ele seja incluído.



Todos os professores deveriam receber treinamento para saber lidar com o *bullying* homofóbico, reduzindo a incidência do mesmo.

Referências Bibliográficas

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BOTELHO, R. G; CAPINUSSÚ, J. M de S. *O Bullying e Educação Física na escola: Características, casos e estratégias de intervenção*. Revista de Educação Física, Niterói, v.2, n. 139, p.58-70, 2007.
- CANAU, V. M. *Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- DARIDO, S, C. Educação física de 1a. a 4a. Série: quadro atual e as implicações para a formação profissional em educação física. *Motriz*, Rio Claro, v. 4.n. 4, p. 61-72, 2001.
- FANTE C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz*. São Paulo: Verus, 2005.
- GOELLNER, S. V. Gênero, Educação Física e esportes. In: VOTRE, S. B. (Org.). *Imaginário e representações sociais em Educação Física, esporte e lazer*. Rio de Janeiro: UGF, p. 215-227, 2001.
- GOELLNER, S. V. Gênero. In: GONZÁLEZ, J. M.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.). *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Unijuí, p. 207-209, 2005.
- GROSSI, M; UZIEL, A. P; MELLO, L. *Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- LOURO; G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOPES, M, J de S. *Diversidade Etnocultural na Escola*. Minas Gerais, Universidade do Leste de Minas Gerais, p.1, 2002.
- LOPES NETO, A. A. *Bullying – comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, v. 8, n. 5, p. 164-172, 2005.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica: 2004.
- LOUZADA, M.; DEVIDE, F. Educação Física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. *Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006.
- LUZ JÚNIOR, A. A. *Educação Física e Gênero: olhares em cena*. São Luis: Imprensa Universitária UFMA/CORSUP, 2003.



- MELILLO, C; VOTRE, S. Futebol feminino: motivações para a prática, por mulheres de classe alta. *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, 2008.
- MEYER, D. E. ; SOARES, R. de F. R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In.: MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.
- NETTO, V. M; TRIVIÑOS, A. N. S. *A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas e Métodos*, Porto Alegre UFRGS, 1999.
- OLIVEIRA, F. F; VOTRE, S. J. *Bullying nas aulas de Educação Física. Movimento*, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, 2006
- POSSELON, M. O estudo de caso na investigação em educação física na pesquisa qualitativa. In: CANDURO, M. T. (Org.). *Investigação em educação Física*, 2004.
- RIBEIRO, D. Diretrizes para uma Educação Sem Homofobia, IGLYO, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.3-4, 2007.
- RODRIGUES, A; ASSMAR, E. M. L; JABLONSKI, B. *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SARAIVA, M. do C. *Co-educação Física e Esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Unijuí, 1999.
- SARAIVA M. do C. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? *Motrivivência*, Florianópolis, v.13, n. 19, p. 79-85, 2002.
- SILVA, B. *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- SILVA, C. A. F; DEVIDE, F.P. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar. *Revista Brasileira Ciências do Esporte*, Campinas, p. 181-197, 2009.